

Os espaços obscuros da cidade turística: um estudo preliminar na Praia de Ponta Negra em Natal/RN

Jean Henrique Costa (jeanhenrique@uern.br)*

Resumo

Este artigo possui como objetivo geral compreender, sob a ótica da chamada "Geografia Cultural" e arcabouços teóricos auxiliares, o tipo de relação existente entre turismo e espaços urbanos, tendo como foco as representações sociais advindas após a implementação da atividade nestes contextos sociais. Trata-se de um artigo teórico, construído a partir da problematização sobre formas simbólicas de segregação espacial, fundamentalmente através da idéia de "cidade maldita" desenvolvida por Sandra Jatahy Pesavento (1997) e de "urbanismo de representação", presente em Célia Ferraz de Souza (1997). A atividade turística sob a ótica do residente se constitui empiricamente como o foco destas alterações espaciais e da forma como estas mudanças geram no imaginário social imagens do "obscuro" em determinados espaços para alguns grupos sociais, em especial aqueles que se tornaram (supostamente) segregados após a emergência da atividade. A Praia de Ponta Negra, localizada em Natal, Rio Grande do Norte, é o objeto de motivação e de investigação preliminar deste breve trabalho.

Palavras-chave: Espaço; Turismo; Representações Sociais.

Abstract

This article possess as objective generality to understand, under the optics of the call "Cultural Geography" and theoretical support auxiliary, the type of existing relation between tourism and urban space, having as focus the social representations after happened the implementation of the activity in these social contexts. One is about a theoretical article, constructed from the problematização on symbolic forms of space segregation, basically through the idea of "cursed city" developed for Sandra Jatahy Pesavento (1997) and of "urbanism of representation", gift in Célia Ferraz de Souza (1997). The tourist activity under the optics of the resident if constitutes as the focus of these space alterations and the form as these changes generate in imaginary social the images of the "obscure one" in determined spaces for some social groups, in special those that if had become (supposedly) after segregated the emergency of the activity. The Beach of Ponta Negra, located in Natal, RN, is the object of motivation and preliminary inquiry of this briefing work.

Key-Words: Space; Tourism; Social Representations.

Apresentação

Virou lugar comum no vocabulário popular os discursos sobre a degeneração dos espaços públicos urbanos, sobretudo aqueles de uso corrente por parte das ditas populações locais. Fundamentalmente espaços que, através da ótica do residente, constituíam-se subjetivamente em bases emocionais, de vivências íntimas e de apego. Em outras palavras, espaços que ganharam a conotação de "lugares" para estes habitantes e passaram a possuir status de relação identitária destes com suas bases geográficas. A partir do aparecimento dos strangers ou outliers, estes espaços passam a experimentar novas e substanciais mudanças em suas dinâmicas internas. O turista é um dos mais triviais exemplos desta relação entre o "de casa" e o "estranho".

Geograficamente, as atividades turísticas em suas experiências empíricas, sejam de sucesso econômico ou não, são responsáveis por diligenciar alterações nos espaços e nas paisagens de maneiras expressivas. Tais "invasões turísticas"¹ nos contextos locais atribuem, em muitos casos, aos dois principais agentes envolvidos com a atividade (turista e residente), uma relação de grande mal-estar, sobretudo quando a população local é passiva às ações do poder público e do empresariado. Isto posto, estas potenciais e/ou reais "invasões" espaciais turísticas causam em alguns episódios uma espécie de segregação espacial, não apenas do ponto de vista material, mas também de representação social dos espaços.

Neste sentido, ver-se-á a seguir uma problematização sobre esta forma simbólica de segregação espacial, fundamentalmente através da idéia de "cidade maldita" desenvolvida por Pesavento (1997) e de "urbanismo de representação", presente em Souza (1997). A atividade turística sob a ótica do residente será empiricamente o foco

destas alterações espaciais e da forma como estas mudanças geram no imaginário social imagens do "obscuro" em determinados espaços para alguns grupos sociais, em especial aqueles que se tornaram (supostamente) segregados após a emergência da atividade na cidade.

Para compreender este aspecto, deve-se levar em consideração não apenas a cidade como uma coisa em si, mas a cidade do modo como a percebem seus habitantes, através de suas representações, conforme enfatiza Lynch (1997). Tomar-se-á como exemplo o turismo no Rio Grande do Norte, especialmente a Praia de Ponta Negra, localizada na capital do Estado, Natal. Nela a atividade turística emerge através da ação do poder público em meados dos anos 1980 e se efetiva enquanto destino competitivo em meados dos anos 1990, alterando substancialmente o seu espaço geográfico, não apenas fisicamente, mas também em termos de representação do maldito e do obscuro na imagem turística local.

Uma breve contextualização

A atividade turística no Rio Grande do Norte inicia-se, efetivamente, espacialmente em Natal, sua capital administrativa e econômica, mais especificamente na parte sul da cidade, isto é, a praia de Ponta Negra. O quadro empírico de emergência da atividade dá-se com a construção da "Via Costeira"², uma avenida litorânea construída ao longo de uma área de preservação ambiental intitulada de "Parque das Dunas", voltada para a construção de hotéis de grande porte na orla natalense, ligando as praias do centro da cidade à praia de Ponta Negra, localizada em seu extremo sul, gerando com isso, posteriormente, um corredor de hotéis à beira-mar e implementando uma infra-estrutura hoteleira em condições de competitividade elevada em nível regional e nacional.

* Professor do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Sociólogo (DCS/UFRN), Bacharel em Turismo (UnP), Especialista em Demografia (DEST/UFRN) e Mestrando em Geografia (PPGe/UFRN). E-mail: jeanhenrique@uern.br; Home Page: www.uern.br/professor/jeanhenrique.

1 Formulou-se aqui a metáfora "invasões turísticas" como sendo o processo de idealização, implementação, viabilização e efetivação de um produto turístico em localidades inicialmente ausentes do tratamento desta atividade, onde tal processo admite potencialmente em suas ações mudanças espaciais nem sempre consultadas e desejadas pelas populações locais.

2 Considera-se aqui a Via Costeira como o agente divisor de águas do turismo potiguar, isto em razão de terem ocorrido ações anteriores e posteriores a sua criação. Antes desta via turística litorânea, algumas ações públicas de turismo foram idealizadas e implementadas visando à criação de destinos turísticos no Rio Grande do Norte, mas todas foram frustradas. A Via Costeira efetivamente foi o marco inicial do turismo no Estado. Após a criação desta via nos anos 80, o grande marco do turismo no RN e no Nordeste foi o "Programa de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Norte" (PRODETUR/NE e RN) nos anos 90, onde tal política pública inseriu o produto turístico RN e, principalmente, Natal, no cenário turístico nacional. Assim sendo, para esta breve contextualização histórica, considera-se aqui central realizar sinteticamente este resgate das ações iniciais e do marco Via Costeira no turismo local.

Com a construção dessa Via Costeira, criam-se todas as condições para um quadro de mudanças que permitiriam que uma área de influência desta via, isto é, a praia de Ponta Negra, se tornasse um complexo turístico de grande variedade de empreendimentos. Hoje, esta praia abriga quase que a totalidade dos meios de hospedagem de pequeno e médio porte da cidade do Natal e é responsável por toda uma gama de serviços e equipamentos turísticos de lazer da cidade, resultando, em seu espaço, no aparecimento de uma série de bares, restaurantes, pousadas, hotéis, boates, centros de compras, motéis, centros de artesanato, redes de prostituição, casas de câmbio, casas bancárias, passeios de bugues, comércio informal, "pontos de drogas", etc., voltados fundamentalmente para o turismo. Estes são especificamente dirigidos a turistas internacionais, oriundos atualmente em parcelas significativas dos vôos charters, e turistas nacionais de poder aquisitivo elevado, uma vez que os preços das mercadorias e serviços existentes em Ponta Negra e seu entorno requerem condições materiais significativas para o usufruto destes atrativos e serviços.

Este quadro empírico em Ponta Negra revigorou-se ainda mais atualmente com a implementação nos anos 90 do "Programa de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Norte", intitulado PRODETUR/RN I, em sua primeira versão, implementada "efetivamente" entre os anos de 1996 a 2002. Tal política pública foi resultado específico espacialmente do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste, "PRODETUR/NE I", que, por sua vez, contemplou os 9 (nove) estados nordestinos mais o estado da região sudeste de Minas Gerais (MG). Esta contemplou seis municípios norte-rio-grandenses, no qual possibilitou aos mesmos uma nova dinâmica de interação espacial. Estes, Natal, Parnamirim, Ceará-

Mirim, Nísia Floresta, Extremoz e Tibau do Sul ganharam uma nova conotação no cenário turístico estadual, uma vez que esta política pública de turismo foi responsável por "investimentos" em infra-estrutura em alguns destes municípios envolvidos, dotando os mesmos (hipoteticamente) de melhores condições competitivas frente ao cenário regional. Natal neste cenário de mudanças apresenta-se como o produto turístico principal e seu grande atrativo, Ponta Negra, foi um dos alvos mais beneficiados por tais ações, sobretudo pela (re)urbanização do bairro e outras ações paisagísticas.

Assim sendo, mesmo que apresentadas sucintamente, tais mudanças possibilitaram diversas alterações espaciais nesta área de Ponta Negra, sobretudo nas novas relações que se estabeleceram entre os residentes e os turistas, além dos investidores estrangeiros que lá implementaram substanciais produções imobiliárias, alterando, por conseguinte, não somente o espaço, mas expressivamente a paisagem local.

Re(pensando) a "segregação idílica"

Tais mudanças sócio-econômicas na cidade possibilitaram alterações espaciais de diversas magnitudes, estas não apenas econômicas, mas também de representação destes novos espaços criados pela atividade. Estas formas de representação podem ser positivas ou negativas ("malditas" conforme o conceito de Pesavento (1997)). Nossa idéia de segregação idílica apresenta-se como uma crítica ao discurso que tenta amenizar os "preliminares" efeitos negativos que sofreram os residentes após o surgimento do turismo na cidade. Em nenhum momento este presente texto afirma que houve o afastamento do residente da praia de Ponta Negra. Se assim fosse, estaríamos reproduzindo o discurso caótico mencionado no início, muito embora diversas hipóteses e

indícios apontem que sim. O que estamos pressupondo é que, com a emergência do turismo em Natal, as novas relações que se estabeleceram entre o residente e este espaço foram substancialmente modificadas. Não faremos aqui uma valoração sobre o conteúdo destas mudanças.

Pesavento (1997) preocupa-se fundamentalmente em problematizar sobre os espaços malditos na urbe, tendo como pano de fundo a novela literária "Noite" de Érico Veríssimo. Para a autora, a cidade é em si uma realidade objetiva, com suas ruas, construções, monumentos, praças, etc., mas que, sobre este "real", os homens constroem um sistema de idéias e imagens de representação coletiva (PESAVENTO, 1997, p. 26). A partir de então, a cidade concreta passa a ser um espaço simbólico, algo detentor de virtudes e/ou atos condenáveis, de positividade e/ou vilania. A autora está interessada neste duplo aspecto vigente na representação social da cidade, ou seja, estas formas sociais de construção de imagens antagônicas que atribuem à cidade uma existência de "celebração e combate, de atração e repúdio (...), onde o sonho e o pesadelo, sobre ela, os homens depositam angustias e esperanças" (PESAVENTO, 1997, p. 26).

A cidade, então, a partir da perspectiva da autora, possui representações que a atribui um lado negro, ameaçador e maldito. De onde emerge tal visão? Pesavento (1997) menciona que esta forma de representação nasce ao longo do século XIX, com o crescimento capitalista e o inchamento urbano marcado pela concentração populacional desordenada em casas e bairros cuja nova forma de aglomeração impôs um novo modelo de relação, ou seja, grupos heterogêneos em espaços restritos.

Souza (1997, p. 107) afirma que desde os tempos mais remotos as cidades sofrem

adaptações e mudanças em suas estruturas físicas, "em função do seu próprio crescimento e desenvolvimento em um determinado período de sua história". Essas transformações para a autora marcam o processo desta evolução urbana. Nesta nova inserção do "velho povo" na "nova cidade", alguns conflitos emergem com maior facilidade, inclusive a representação do que é bom ou ruim nestes espaços.

Como exemplo deste tipo de representação caótica e heterogênea de espaço, tem-se a descrição feita por Harvey (1994), ao analisar os aspectos pós-modernos presentes na Los Angeles do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. De acordo com o autor:

Blade Runner é uma parábola de ficção científica em que temas pós-modernos, situados num contexto de acumulação flexível e de compressão do tempo-espaço, são explorados com todo o poder de imaginação que o cinema pode mobilizar (HARVEY, 1994, P. 281).

Harvey (1994) preocupa-se basicamente em sua descrição do filme em enfatizar a questão do conflito entre as pessoas, que para ele ocorrem em escalas de tempo distintas e, como resultado, estas vivem e percebem o mundo diferentemente. Neste contexto de análise da cidade maldita, Harvey analisando a Los Angeles de *Blade Runner* se apresenta como uma referência de grande sutileza, uma vez que nesta cidade há um quadro hipotético que referencia as mudanças apontadas por Pesavento (1997), ou seja, pessoas vivendo num espaço restrito de uma diversidade enorme de etnias convivendo entre si. No filme, este fato ocorre, resultando até no surgimento de uma nova língua; há o trabalho informal do terceiro mundo invadindo Los Angeles; vivencia-se o sentido da cidade no nível da rua em todos os aspectos caóticos; os projetos arquitetônicos

são como mixórdias pós-modernas; e existe ainda o caos de signos, de mensagens e significações concorrentes que sugere, no nível da rua, uma condição de fragmentação e incerteza que acentua muitas das facetas da estética pós-moderna (HARVEY, 1994, p. 279).

Embora estes exemplos contidos em Harvey (1994) sejam fictícios em termos reais, suas representações expressam um sentimento empiricamente perceptível, dado pelas transformações intensas ocorridas no âmbito do espaço desta cidade, num contexto de compressão do tempo-espaço e acumulação flexível de que nos fala David Harvey. O que interessa, neste caso, é a idéia de Pesavento (1997), ou seja, grupos heterogêneos em espaços restritos. Adaptando para o presente objetivo, diríamos, espaços relativamente fechados englobando pessoas de interesses abertos, numa antagonista existência. Em outras palavras, espaços não turísticos (a população local é mais ou menos homogênea em seus costumes) que se tornam turísticos (heterogeneidade de crenças, sentimentos, valores e costumes vigentes em espaços nativos).

Estas visões de espaços malditos da urbe das novas sociedades modernas eram "os bares, tavernas e tascas da beira do cais e dos becos que infestavam a cidade e que, junto com as jogatinas e os bordeis, configuravam a zona perigosa aos bons costumes, onde evitavam passar as pessoas de respeito, principalmente as do sexo feminino" (PESAVENTO, 1997, p. 27).

Assim sendo, além da segregação espacial-econômica que se efetivou em Ponta Negra (isto aqui já estamos pressupondo e não será analisado), houve também uma espécie de segregação espacial em termos de representação, isto é, espaços advindos do turismo que, culturalmente, não são passíveis de uma axiologia positiva³ por parte dos residentes natalenses (estas imagens malditas/obscuras). Tal forma de segregação

ideologicamente é tratada como idílica, devido fundamentalmente não se caracterizar por segmentações segregantes econômicas ou políticas. Para isso, fazemos aqui a crítica a esta maneira simplista e equivocada de pensar a estratificação social. Estes espaços segregados "idilicamente" serão o foco da próxima parte do trabalho.

Ponta Negra e sua representação enquanto espaço obscuro (maldito): o desfecho preliminar sob a ótica do residente

No novo contexto pelo qual a atividade turística emerge em Ponta Negra, do ponto de vista do residente, pode-se enumerar as mesmas ponderações já apontadas acima como espaços de representação social malditos, emergidos através do turismo: redes de prostituição explicitamente delineadas em territórios a olho nu; pontos de drogas; "casas de drinks"; becos dos bêbados; espaços de roubos e furtos, etc. Os espaços malditos nestes casos são facilmente identificados, sobretudo pela impregnação visual enfática na própria paisagem do espaço.

Por via de regra, tais representações do maldito neste espaço dão-se fundamentalmente à noite, regime temporal este abarcador de diversas facetas obscuras. A expressão "calada da noite" não dá mais suporte para o entendimento destas representações, uma vez que é, em sentido contrário, no barulho desta mesma nostálgica noite tenebrosa que as coisas acontecem e se fixam no imaginário social. A representação da paisagem noturna atual não é igual a da paisagem noturna pretérita. Suas formas e conteúdos alteraram-se substancialmente na própria redefinição dos "tradicionais" papéis sociais para papéis multifacetados.

³ De acordo com Znaniécki, "quando um valor é considerado com relação a um sistema particular, ele pode parecer 'desejável' ou 'indesejável', 'útil' ou 'prejudicial' etc., segundo os outros valores envolvidos no mesmo sistema e do ponto de vista da sua realização" (ZNANIECKI, 1975, p. 91). Assim sendo, o que é positivo ou negativo concorrentemente aos valores varia de acordo com as consciências individuais e coletivas.

Sauer (1998, p. 22) muito bem afirma que os objetos existentes juntos na paisagem estão em inter-relação, ou seja, não estão independentes na dinâmica da paisagem. Para Sauer, toda paisagem tem uma individualidade, já que o que eu observo não é igual ao que outra pessoa observa; ou ainda, nenhuma paisagem é igual à outra: "nenhum vale é exatamente igual a outro vale; nenhuma cidade é exatamente igual a outra cidade" (SAUER, 1998, P. 24).

Estas paisagens são, no dizer de Berque (1998), "marcas" e "matrizes", ou seja, "é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura" (BERQUE, 1998, p. 84-85). Em outras palavras, "por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc"; "por outro lado ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política, etc" (BERQUE, 1998, p. 86). Sintetizando, a paisagem é uma marca porque está impregnada no espaço, em sua materialidade e individualidade; mas também é matriz devido o fato de também ser um agente das mudanças na percepção deste espaço.

Estes novos espaços e paisagens são os que, no imaginário social do residente que supostamente foi afastado de seus lugares cotidianos após a efetivação da atividade turística, podemos enumerar através da representação do maldito problematizado acima. No entanto, a segregação sócio-espacial não pára por aí. Há também os espaços que, apesar de possuírem paisagens almeçadas por muitos e desfrutarem de serviços e produtos igualmente cobiçados, podem também ser representados como malditos. Neste caso, há uma segregação econômica, que impede o consumo de

serviços e mercadorias por parte dos residentes mais desprovidos. Isto implica que estes novos espaços turísticos são espaços para os turistas e não para os residentes. Novamente encontramos representações sobre o maldito emergidas pela atividade turística em Ponta Negra.

Souza (1997) discute a relação entre os espaços e o cidadão na ótica de reorientação das cidades. Diz ela que:

Nesses espaços, o cidadão sempre assumiu a sua característica de parte do coletivo social. A morfologia urbana, as tipologias arquitetônicas e as práticas sociais desenvolvidas nas ruas e praças também sempre serviram como elementos de orientação e leitura. Entretanto, a desagregação da ordem, a confusão das atividades e fluxos de circulação, a falta de identidade, a insegurança social têm tirado das ruas centrais da cidade o seu papel didático-referencial (SOUZA, 1997, p.117-118).

Não estamos tratando a atividade turística exatamente nestes termos, mas com a sua emergência voltada essencialmente para os turistas, há uma nova ordenação dos espaços, esta alicerçada no consumo de bens e mercadorias turísticas. A idéia contida em Souza (1997) denominada de "Urbanismo de Representação" no exemplo turístico em estudo aplica-se pertinentemente, uma vez que as aspirações da população local sobre a construção do espaço turístico podem ou não ser consultadas e implementadas. Para Souza (1997, p. 112), as cidades passam a conter espaços que traduzem as aspirações da população, de galgar novos escalões sociais. Trata-se, portanto, de um "urbanismo de representação", com imagens concretas, visuais e de significado.

Este urbanismo de representação para a cidade do Natal deveria ter sido pensado como resposta às aspirações da população local, o que não ocorreu. Isso significa que

esta forma de urbanismo de representação foi construída sob a ótica do visitante, restando aos residentes um novo papel na cidade, ou seja, de segregado economicamente e através de representações, no caso imagens não positivas dos novos espaços e paisagens.

Souza (1997) em seu texto indaga onde está o cidadão nas ruas? Nada mais racional esta indagação diante da lógica capitalista de exclusão das necessidades sociais em prol da satisfação dos interesses do capital. Em nossa abordagem, há, como deixa para novas pesquisas, os seguintes questionamentos reflexivos: onde está o cidadão natalense na Praia de Ponta Negra no novo contexto de desenvolvimento do turismo potiguar? Este turismo criou espaços segregados/segregantes do ponto de vista econômico, gerando com isso imagens estranhas às representações sociais locais?

Um conceito em Lynch (1997, p.11) que pode auxiliar na compreensão da representação destes espaços malditos é a idéia de "imaginabilidade", isto é, a característica, num objeto físico (e intangível, diríamos) que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. Esta imaginabilidade em Ponta Negra para o residente supostamente afastado são tanto características pretéritas, quanto presentes. As passadas se referem aos espaços vividos antes do turismo; as presentes aos novos espaços segregados, sejam em representações, sejam economicamente.

Lynch (1997) menciona que olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Tomando o olhar do residente como algo alterado após os novos espaços e paisagens advindos pelo turismo em Ponta Negra, e também tomando como base sociológica a moralidade socialmente construída sobre o bom e o ruim, positivo ou negativo, esta parte

da cidade, ou seja, Ponta Negra, passou neste novo contexto a possuir um status renovado para o residente. Este significa a própria condição de segregação cultural-espacial (idílica?) pressuposta por este trabalho, onde as novas imagens geradas pelo turismo impregnaram na paisagem uma nova marca e uma nova matriz, no dizer de Augustin Berque.

Esta marca é a impregnação na paisagem dos elementos malditos presentes em Ponta Negra, isto é, os bordeis, casas de strip-tease, pontos de drogas, becos escuros, etc. A matriz desta paisagem é justamente a própria reprodução destas marcas através dos olhares dos residentes, uma vez que estas paisagens malditas são os agentes das mudanças na percepção destes novos espaços segregados em termos de representação. Esta mudança matriz é a produção da generalidade e durabilidade destas representações.

Por fim, resta a este breve escrito algumas indagações de grande desafio, não apenas teórico, mas também de planejamento urbano: de que maneira se insere atualmente o cidadão natalense após a efetividade do turismo em Ponta Negra? Em que medida a por nós denominada "segregação idílica" ocorreu e em quais escalas se efetivou? Estes espaços são "malditos" per si ou a atividade turística apenas contribuiu para reforçá-los enquanto tais? Estas e outras questões ficam como apêndices para outras pesquisas sobre a tríade espaço, turismo e representações sociais.

Referências bibliográficas

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (Coleção Geografia Cultural).

- HARVEY, David. O tempo e o espaço no cinema pós-moderno. In: _____. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- LYNCH, Kevin. A imagem do ambiente. In: _____. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L. (org). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (Coleção Geografia Cultural).
- SOUZA, Célia Ferraz de. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- ZNANIECKI, Florian. A noção de valor cultural. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral. 9 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. (Biblioteca Universitária, Serie 2a. Ciências Sociais).